

A inflação na unha direta da superação da crise atual

1609.9
IGNACIO M. RANGEL

"Los hechos son testarudos", dizem os nossos vizinhos cucarachas. Mais teimosos que os fatos, porém, são os professores de economia que o regime costuma chamar para o leme de nossa nau nacional. O último, no sentido de o mais recente, vae nos, chamado para pilotar nossa saída da presente crise, derrama-nos, como de estilo, sua sapiência, reeditando a velha fábula de que a inflação é o nosso problema.º 1, de que os preços sobem porque o governo emite e de que o governo emite porque tem um déficit a cobrir. Portanto, comecemos por acabar com o déficit e com as consequentes emissões, que logo os preços deixarão de subir e, por um processo francamente mágico, as taxas de juros cairão e a empresa privada voltará a investir. Acabou-se a recessão. É espantoso que pessoas com uma visão tão primária do processo econômico possam, já não direi ser ministros de economia, como o "está" agora o Sr. Pastore, mas simples professores de economia. Quem pretender que a inflação é o que é, isto é, um epi-fenômeno, integrante da síndrome da recessão, não; tais pessoas devem estar equivocadas. Continuaremos, dogmáticamente, a afirmar que o rabo abana o cachorro e não o inverso.

Mas não devemos inferir daí que o Sr. Pastore esteja errado em tudo o que diz. Afinal de contas, o organismo econômico é isso mesmo, um organismo que, como a natureza nos demonstra milhões de vezes por dia, desenvolve-se de maneira ininteligente ou preter-inteligente. Por exemplo, ao contrário do Sr. Langoni, ele acha, pelas mais peregrinas razões, que a inflação e o déficit podem cair aos níveis exigidos pelo FMI. Ora, esta crise já amadureceu para o seu desfecho, desatando-se o nó da recessão. Assim, teríamos déficits menores, compatíveis com a variação residual dos preços, como teríamos o reatamento do interrompido crescimento econômico. Não pelas razões do Sr. Pastore, mas pela razão aqui apontada, isto é, porque a crise cíclica aproxima-se espontaneamente do fim. Não se deve excluir a possibilidade de que o historiador aludirá ao período em via de abrir-se como o "milagre do Pastore".

17/83
Um dia estudaremos a sério, cientificamente, a presente conjuntura, e então veremos que a inflação, em vez de representar nosso "problema n.º 1", terá desempenhado papel não desprezível na superação da crise. É por causa dela que as empresas e pessoas continuam a emprestar dinheiro ao Estado, não obstante saberem que este é um devedor insolvente, que seu aval não vale nada, que um vasto calote nos credores está na ordem natural das coisas. É que o cruzeiro não investido, mesmo que mal, vira fumaça, precisamente por efeito da inflação que "penaliza a liquidez". Felizmente, não é possível acabar com ela, mas, se o fosse, deveríamos evitá-lo, porque ela faz parte do mecanismo de defesa que impede o colapso da economia.

Esses "investimentos" — a chamada ciranda financeira — significa que o dinheiro é posto, em última instância, nas mãos do Estado, o qual, monopolista que é (ou "está") das oportunidades de inversão do sistema, o aplica onde é mister, embora, muitas vezes, de forma desastrada e sem critérios de prioridades pesquisáveis. A área dos pontos de estrangulamento da presente crise são os grandes serviços de utilidade pública e estes estão estruturados como "estatais", isto é, empresas públicas, onde o Estado é, simultaneamente, poder concedente e concessionário, bloqueando a necessária evolução do sistema financeiro.

Nem o Pastore, nem o Sr. Delfim, embora por motivos não explícitos, são contrários a que essa contradição seja superada, guardando o Estado a posição de poder concedente, normativo, e transferindo a concessão a empresas privadas. O resto virá por via de consequência, inclusive a reabsorção do déficit público, a queda da taxa de juros e... a relativa estabilização dos preços, como tem acontecido sempre que a economia se reativa. O cachorro estará abanando o rabo, como de direito.

Ignacio M. Rangel é economista e formado em Direito, presidente do Conselho Regional de Economia-Rio de Janeiro e autor de vários livros, entre eles "A Inflação Brasileira" e "Tecnologia — ciclo e crescimento".